

A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PARA O BRASIL: A VERTENTE
CANÁRIA. UM ESTUDO PRÉVIO

MANOEL LELO BELLOTTO

INTRODUÇÃO

Setores constitutivos de uma realidade de nítida e homogênea coloração histórica, política e social, Canária e Brasil, embora pontos baliza e intermediários entre o Velho e o Novo Mundo, integram-se na geografia mais ampla do Atlântico hispânico —para usar o conceito já consagrado por José Enrique Rodó ou por Almeida Garret— e emergem, guardado o caráter específico de suas potencialidades, no contexto mais abrangente do orbe ibero-americano.

Eis porque, ao se concretizar a oportuna realização do IV Colóquio de História Canário-Americano, a participação de representante do Brasil em tal Encontro fazer-se mais do que necessário; é um dever o seu comparecimento, embora modesta possa ser a sua contribuição.

A Comunicação que ora se submete a tal Colóquio —A imigração espanhola para o Brasil: a vertente canária. Um estudo prévio— integra um projeto mais amplo em sua formulação, mais ambiciosa a proposta que o sustenta.

O estudo da imigração alcança hoje, no Brasil, níveis satisfatórios. Inúmeros são os trabalhos que tem analisado, em profundidade, tal processo social, enfocando o imigrante em sua individualidade étnica. Assim é, que há estudos já consagrados sobre a imigração italiana, a japonesa e a alemã, para o Brasil. Entretanto, e esta é uma lacuna da qual se ressentem a bibliografia especializada já publicada no Brasil, nenhum estudo de fôlego, nenhuma análise global, fez-se, até o momento, sobre a imigração espanhola e a poderosa contribuição que este imigrante deu para lançar as fundações de um desenvolvimento nacional, cujos frutos, por demais notórios e evidentes, passam a ser colhidos nos dias que correm. Eis o que se propõe: o estudo da imigração espanhola para o Brasil.

Entretanto, não nos deteremos, por ora, a analisar as implicações sociológicas do fluxo migratório, os reflexos culturais, econômicos e sociais que resultam da atuação dos imigrantes, nem, tampouco, as

repercussões que o movimento imigratório repassa à demografia, à psicologia social, à política e à ideologia, enfim. Tal preocupação é o escopo de projeto futuro, mais amplo e completo.

Para o presente Colóquio, restringiu-se a problemática a limites compatíveis com a natureza científica do Simpósio. Limitamo-nos ao estudo da imigração canarina para o Estado de São Paulo, Estado que, pela sua economia, demografia e atuação política, educacional e cultural, ocupa a privilegiada posição de *primus inter pares* na Federação do Brasil. Em tal estudo, inventariamos o número de imigrantes canarinos trasladados para São Paulo, nos anos de 1936 a 1951, relacionando-o, sempre, ao total de imigrantes espanhóis, em particular, e ao de contingentes de outras etnias, em geral, vindos para o Estado de São Paulo, no período referido.

Servimo-nos assim, e por ora, de uma pequena amostragem da densa documentação existente no Arquivo da Hospedaria dos Imigrantes, do Departamento de Amparo e Integração Social, da Secretaria da Promoção Social, do Estado de São Paulo.

Acresce, por outro lado, a impossibilidade metodológica de abordar a corrente imigratória canarina em direção ao Brasil, em particular ao Estado de São Paulo, dissociada do fluxo coeso e uniforme representado pela imigração espanhola. Sobre ser uma tentativa de atomizar uma indivisível e uma realidade social, caracterizaria ainda um falso vezo de análise científica.

Por tal razão, definimo-nos pelo estudo da imigração espanhola, como um todo, dando ênfase à vertente Canária, sobretudo entre os anos de 1936 e 1951, quando, com intervalos, ocorreu traslados de canarinos para o Estado de São Paulo.

A opção pelas datas-baliza obedeceu a um duplo critério. De um lado, e talvez o motivo menos relevante, a dificuldade circunstancial em retroagir as pesquisas a anos anteriores ao de 1936, em face da reorganização por que passa o Arquivo da Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo. De outro, o significado que o ano de 1936 tem para a Espanha, e, por extensão, para todo o mundo; acresça-se, finalmente, que em fins do ano de 1951 criou-se, em Bruxelas, o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), órgão responsável pelo re-direcionamento que se operou no instituto da imigração.

Além da documentação existente no Arquivo da Hospedaria dos Imigrantes, já referida, servimo-nos, para a elaboração desta Comunicação, de Censos Demográficos Oficiais, de Relatórios Administra-

tivos, da Série Imigração do Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo e da escassa bibliografia especializada.

* * *

A história da imigração em massa para o Brasil inaugurou-se, no século XIX, com a crise do sistema escravista como forma de mão-de-obra na exploração econômica.

O escravismo teve sua condenação ditada a partir da própria evolução da Revolução Industrial. Ao despontar o século XIX surgiram novas formas de capitalismo, tornando obsoleto os antigos sistemas de domínio e de mercado. O avanço acelerado das idéias liberais e a independência das colônias espanholas da América, liberando seus contingentes escravos, fortaleceram a campanha abolicionista no Brasil.

De outra parte, porém, pairava o interesse dos grandes plantadores de café na manutenção daquele *statu quo*. A aristocracia agrícola do país recusava-se a transformações no sistema colonial de produção.

Ao atingir-se a segunda metade do século XIX, diante da forte pressão internacional (na qual a Inglaterra tinha considerável peso), em cujo bojo assentava a necessidade de expansão do mercado e de modernização de métodos de produção, o Governo Imperial brasileiro aboliu o tráfico negreiro (Lei de 4 de outubro de 1850). A grande massa de escravos (que na época da Independência, em 1822, reunia 1.147.515 indivíduos em uma população de 2.813.351 habitantes), começava a esvaziar-se. Leis proibindo o tráfico interprovincial de negros e estabelecendo a liberdade para os sexagenários tanto quanto para os recém-nascidos, vieram a tornar cada vez menor a possibilidade de manutenção deste tipo de mão-de-obra para a lavoura em crescimento.

A súbita ampliação de mercado para o café, configurado pelos Estados Unidos, a partir de 1850, tornava a falta de braços problema ainda mais grave, a exigir soluções imediatas.

País de dimensões continentais, com vastas extensões despovoadas, com baixa densidade demográfica e excessiva concentração na costa, o Brasil necessitava de contingentes populacionais alienígenas para dinamizar sua economia.

O século XIX foi uma época de migrações. Países fornecedores de mão-de-obra, Inglaterra, França, Alemanha e países escandinavos, a princípio, e, posteriormente, Itália, Espanha, Portugal, Rússia, Polónia, China e Japão tiveram, então, grandes perdas populacionais. Mas o Brasil, até as últimas décadas daquela centúria, não chegava

a atrair atenções. O sistema escravagista, de certa forma, afastava os imigrantes. Estes, acabavam por se dirigir a outros países que lhes ofereciam mais florescentes perspectivas. Tal é o exemplo dos Estados Unidos, Canadá e Argentina.

Sem nos referirmos às inúmeras tentativas de colonização oficial organizada com a vinda de grupos étnicos determinados, tentativas —algumas de relativo êxito— encetadas desde o período colonial, houve experiências governamentais e privadas com o trabalho livre estrangeiro, após a Independência.

A partir do momento em que se tornava iminente a perda definitiva de mão-de-obra negra e que se desenvolvia aceleradamente a lavoura cafeeira, tal preocupação era evidente. Aliás, ela se manifestava frequentemente em pronunciamentos parlamentares, de fazendeiros interessados e da própria imprensa. Era preciso evitar um colapso na produção agrícola, diante da iminência de abolição da escravidão.

Iniciativas particulares e governamentais tomaram corpo, tanto assim que «o imigrante que veio durante certo período em caráter supletivo —tendo coexistido com o escravo na lavoura— a partir da abolição tornou-se o substituto efetivo da mão-de-obra escrava»¹.

Com efeito, logo após a Independência começaram a proliferar colônias alemãs no Rio Grande do Sul, onde o sistema de exploração da terra era o da pequena propriedade. A contratação e as despesas corriam por conta do Governo Provincial ou por conta de «Sociedades Colonizadoras», fundadas com aquele expresso fim. Multiplicaram-se núcleos por outras Províncias e acorreram colonos de várias etnias, tais como suíços, italianos, poloneses e outros.

Em realidade, havia um grande antagonismo entre a posição dos fazendeiros e a do Governo Imperial: para os primeiros o fim almejado era a obtenção de braços para a lavoura. Já, para o Governo, o objetivo era mais largo: o povoamento. Por isso, estava nas preocupações oficiais o acesso à terra. Através da pequena propriedade, alcançar-se-ia o enraizamento do estrangeiro. Isto, sem que se deixasse de contar com o seu quinhão de produção.

Algumas daquelas empresas colonizadoras, como a *Sociedade Central de Imigração*, do Rio de Janeiro, por exemplo, batia-se por esse mesmo ponto de vista: mais núcleos coloniais e menos colonos assalariados junto aos fazendeiros. Por tal razão, muitos autores que tem estudado a imigração em São Paulo, ressaltam o fato de que

1. ARLINDA ROCHA NOGUEIRA: *A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973, p. 37.

não se deve confundir imigração com substituição dos braços na grande lavoura. Mesmo na época, tal perspectiva era admitida. «O escopo da imigração era, além de organizar a mão-de-obra, buscar elementos que contribuíssem para a formação da nacionalidade»².

As «colônias de parceria», de iniciativa privada, tiveram seu início na década de 1840, quando o Senador Vergueiro introduziu em sua Fazenda Ibicaba (Limeira, Estado de São Paulo) algumas famílias de portugueses, suíços e alemães. Por este sistema, o colono europeu recebia de parceria os talhões de café que devia cultivar. O fazendeiro reembolsava o Estado das importâncias adiantadas para as despesas do transporte, acudia o imigrante nas primeiras necessidades, dava-lhe terras para o plantio da subsistência, tudo previamente estabelecido em contrato de locação de trabalho, numa modalidade de meiação, que se afastava do regime do assalariado agrícola.

Entretanto, muitos foram os atritos surgidos entre imigrantes e fazendeiros, com escravos de permeio. A verdade é que o contacto mais estreito com trabalhadores livres por parte dos escravos, mais acirrava neles o espírito abolicionista. Além disso, nas fases de beneficiamento do café, o estrangeiro perdia contacto com o produto, sendo muitas vezes lesado em seus interesses. A imigração assalariada atraía mais aos estrangeiros do que as colônias de parceria. Neste sistema, em verdade, os estrangeiros ficavam reduzidos à condição de semi-escravo. Tanto era, que tal modalidade logo foi abandonada.

Foi ao início da década de 1870, que as condições gerais da economia cafeeira apresentaram aspectos favoráveis à imigração: o café alcançava melhores preços e a mão-de-obra escrava apresentava-se cada vez mais improdutivo. Ademais, os Estados Unidos começavam a dificultar a entrada de imigrantes. Por outro lado, as modificações políticas, geopolíticas, econômicas e demográficas européias drenavam populações para a emigração, única solução viável para seus problemas.

* * *

Estudos norte-americanos sobre população e imigração tem demonstrado que em um século —de meados do século XIX a meados do século XX— houve migrações em massa, chegando a apontar um total de 75 milhões de pessoas que teriam deixado seus países de origem em busca de melhores condições de vida.

2. LUCY MAFFEI HUTTER: *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889)*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

Os fatores que condicionam a emigração decorrem das próprias condições do país que «expulsa» seus excedentes populacionais. Uma vez deslocado, o emigrante deve adaptar-se a novas formas sociais e culturais. A aculturação resultará do contacto direto e contínuo entre grupos de indivíduos com mudanças nos padrões culturais de um ou ambos os grupos.

Um grupo social não emigra desde que encontre recursos satisfatórios de sobrevivência em seu solo natal. Quando falta o trabalho, seja por razões políticas ou econômicas, será preciso buscá-lo em outras terras.

É justamente o trabalho a forma social de ajustamento do imigrante. Ao contrário, os desajustamentos surgem em razão de fatores negativos, mormente os emanados da população nativa, da paisagem e meio ambiente. Os primeiros contactos dos adventícios com o cenário geográfico que os abrigará são, muitas vezes, adversos. Até que se estabeleçam relações satisfatórias entre a paisagem e o ser humano, faz-se necessário todo um condicionamento. Muitas vezes era uma outra vida o que se esperava. «O contacto do imigrante com a realidade vai corrigindo os desvios de perspectiva»³.

A família imigrante, ao se estabelecer em um novo país, terá que passar forçosamente, por problemas de ajustamento ao novo meio geográfico, social, cultural e sanitário, sofrendo riscos de inaptações, sejam sociais, sejam de enfermidade, sejam mesmo riscos de morte.

No caso do imigrante espanhol para o Brasil, adaptação deu-se sem maiores problemas. As observações de Antonio Jordão Neto, sociólogo que estudou um pequeno grupo de imigrantes vindos na década de 1960 para a indústria paulista, são válidas para toda a imigração espanhola para terras brasileiras, desde o século passado, até a atualidade. «Relativamente ao processo de acomodação social dos imigrantes espanhóis pode-se dizer que não existem praticamente barreiras que impeçam ou dificultem o desenvolvimento normal de tal processo. São múltiplos os pontos de contacto entre a cultura brasileira e a espanhola. As raízes históricas que as ligam e a semelhança linguística bem como certas manifestações de ordem afetiva, a coincidência da religião católica dominante entre os dois países, são fatores que tem concorrido para facilitar a aproximação entre espanhóis e brasileiros»⁴.

3. João Baptista BORGES PEREIRA: *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo, Pioneira, 1974, p. 39.

4. Antonio JORDÃO NETO: *O imigrante espanhol em São Paulo (1960): principais conclusões de uma pesquisa*, "Sociologia", São Paulo, 26 (2): jun. 1964, p. 252.

Entretanto, com outros grupos étnicos, a adaptação nem sempre ocorre. Medidas restritivas houve —e há— no sentido de evitar a formação de quistos raciais e culturais de difícil assimilação aos costumes, aos hábitos e à língua nacional. Os conflitos se dão, em geral, quando, em razão de seus padrões culturais muito diferentes, o alienígena reluta em desprender-se de suas tradições, idéias, conceitos, hábitos e língua da terra de origem, substituindo-os pelos da terra de adoção.

Ora, a assimilação é exequível quando o imigrante, como no caso do espanhol no Brasil, possui afinidades étnicas e culturais com o novo agrupamento social que passa a integrar, condicionando sua própria realização como cidadão e como homem. Do ponto de vista biológico, o espanhol tem mostrado seu perfeito ajustamento ao clima tropical, aos novos hábitos alimentares e a novos tipos de vestuário. Da mesma forma, sem perder suas características nacionais, tem demonstrado sua capacidade de acomodação sociológica às novas condições econômicas e culturais.

Em verdade, estabelece-se, como já dissemos, um perfeito processo de trocas, de aculturação. Por isso mesmo, a razão deve ser dada a Oliveira Vianna, quando mostra a imigração como «fator condicionante ao início e ao desenvolvimento de novas formas sociais e culturais»⁵.

* * *

As transformações que se operam na vida econômica e social de São Paulo e do Brasil, na segunda metade do século XIX, também são condicionantes do êxito da imigração. Entre elas, em destaque, a introdução das linhas férreas, a abolição da escravidão, o crescimento do mercado interno e a industrialização. Assim, eram oferecidas aos imigrantes condições de infra-estrutura semelhantes às dos seus países de origem.

O caráter da sociedade brasileira nas últimas décadas do século XIX é de transformação. Sofria-se o impacto do fim da guerra do Paraguai, que introduzia a força do «Exército deliberante», como bem qualificou Octávio Ianni. Republicanismo, abolicionismo, aceleração da produção artesanal e fabril e a expansão acelerada da cafeicultura, caracterizam o período. «A fisionomia da sociedade nacional passa a ser dominada pela predominância da cafeicultura»⁶.

5. FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA VIANNA: *Raça e assimilação*. São Paulo, Ed. Nacional, 1932 (Brasília, 4).

6. OCTAVIO IANNI: *O progresso econômico e o trabalhador livre*. In: Sergio BUARQUE DE HOLANDA, ed.: *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, t. 2, v. 3, p. 297.

Introduzido no Brasil em 1727, através do Pará, o café acabara por medrar em grandes plantações na Província do Rio de Janeiro. Nas primeiras décadas do século XIX atingia São Paulo, por intermédio do Vale do Paraíba.

Encontrando terra adequada na região central e norte da então Província de São Paulo, a rubiácea aí progrediu vertiginosamente, no período de 1836 até as vésperas da 2ª. Grande Guerra. «O café determinava a demografia paulista, riscava o traçado das vias férreas, criava a riqueza brasileira»⁷. Para aquela área é que se dirigiu a grande massa de trabalhadores livres estrangeiros, para que, com suas famílias, «fizessem a América».

Para Sérgio Milliet, que estudou detalhadamente a marcha do café em São Paulo, são as seguintes as características de tal expansão, naquela área e no mencionado período: solo e relevo adequados para a lavoura cafeeira; centros urbanos já constituídos e progressivos —antes mesmo da chegada dos cafezais— e que funcionaram como re-radiadores da expansão cafeeira, propiciando o aparecimento de outros centros; lavoura intensiva precedendo a ferrovia e até mesmo outras vias e meios de transportes; crescimento contínuo, sem queda na produção, embora em ritmo menor de 1890 a 1930; maior aproveitamento do imigrante do que em outras regiões.

A decadência do café nesta área ocorreu, não tanto em razão do abandono das terras e diminuição da produção, mas pelo aparecimento de novas culturas. Estas puderam ser levadas a efeito em razão da divisão de alguns latifúndios em pequenas propriedades⁸. E desta transformação não estavam ausentes os imigrantes, em cujos países a exploração agrária já apresentava tais características: policultura e minifúndios. Pelo acesso às novas formas da exploração da terra, sua assimilação deu-se de maneira mais completa.

Após a introdução de outras lavouras e com aparecimento dos sinais de cansaço da terra na zona pioneira, o café passou a conquistar novas regiões. Pelas ferrovias que por vezes rastream o café, afluem colonos nacionais e estrangeiros. A população de São Paulo cresceu rapidamente, tanto quanto a importância política, econômica e social do Estado.

Seus produtos para o comércio exterior eram o café, o açúcar, o cacau, a erva-mate, o fumo, o algodão, a borracha, os couros e as

7. Sálvio DE ALMEIDA AZEVEDO: *Imigração e colonização no Estado de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", São Paulo, 7 (75): abr. 1941, p. 113.

8. Sérgio MILLET: *Roteiro do café e outros ensaios*, 3.ª ed. São Paulo, Departamento de Cultura, 1941.

peles. Mas a economia era, antes de tudo, baseada na exportação do café. E este concentrava-se, de forma considerável, em São Paulo.

População presente nas datas dos recenseamentos gerais, em São Paulo e sua porcentagem sobre a do Brasil

Ano do Censo	São Paulo (milhares de indivíduos)	Brasil (milhares de indivíduos)	Porcentagem de São Paulo sobre o Brasil
1872	837	10.112	8,3
1890	1.385	14.334	9,7
1900	2.282	17.319	13,2
1920	4.592	30.636	15,0
1940	7.180	41.236	17,4
1950	9.134	51.944	17,6
1960	12.975	70.799	18,1 ⁹

Nas primeiras décadas do século XX, em sua marcha para o Oeste, o café acaba por atingir o norte do Paraná e o sul do Mato Grosso, Estados vizinhos ao de São Paulo, embora perdurassem as plantações em solo paulista.

Enquanto isso, as zonas antigas, duramente atingidas pela crise de super-produção de 1906 e pela crise de 1929, tiveram seus latifúndios trocados por terras mais rendosas e transformadas em pequenos sítios. O imigrante, que soubera poupar, passou a comprar estas terras e a cultivá-las por conta própria.

Além do mais, a crise mundial de 1929 e as duas guerras européias haviam modificado muito o quadro econômico do Brasil: era preciso responder à necessidade de diversificação da produção primária e incrementar a industrialização, assim como a organizar o comércio interno. Em 1949, pela primeira vez, a indústria recrutava mais imigrantes do que a agricultura: 2.703 indivíduos contra 2.409¹⁰.

Entrementes, cabe determo-nos para registrar a sistemática da vinda dos imigrantes para São Paulo, no período a que nos propusemos analisar.

* * *

9. Oracy NOGUEIRA: *O desenvolvimento de São Paulo através dos índices demográficos, demográficos-sanitários, etc.*, "Revista de Administração", São Paulo, maio 1963, pp. 1-180.

10. Eulália LAHMEYER LOBO: *Conflito e continuidade na história brasileira*. In: Henry KEITH e S. EDWARDS, ed.: *Conflito e continuidade na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

Portugueses, espanhóis, italianos e outros vinham espontaneamente ou subsidiados pelo Governo brasileiro ou por particulares. Nas últimas décadas do século XIX, muitos deles começaram a ser encaminhados à lavoura cafeeira pelas Sociedades colonizadoras (em 1871, fundava-se a *Associação Auxiliadora de Colonização e Emigração*; em 1883, a *Sociedade Central de Imigração* e, em 1884 a *Sociedade Promotora da Imigração*). Em 1886, com o estabelecimento da *Hospedaria dos Imigrantes* na cidade de São Paulo, o encaminhamento dos recém-chegados passou a ser mais racional e controlado.

Até 1895, a corrente imigratória destinava-se à grande cultura. E, por esta via, a pequena propriedade só seria alcançada pelos imigrantes muito mais tarde, quando tivessem condições financeiras para adquirir as parcelas resultantes do esfacelamento de algumas das antigas fazendas. Mas havia uma outra maneira de acesso à terra e que foi tentada desde a década de 80: a constituição de núcleos coloniais onde havia a facilidade do estrangeiro adquirir seu lote de terra. Assim, a par de representarem uma reserva de mão-de-obra para a lavoura do café, os núcleos dedicar-se iam, como se dedicaram, à policultura: uva, milho, feijão, legumes, hortaliças e frutas foram ali cultivados.

Mais de uma dezena de núcleos coloniais foram instituídos pelo Estado nos últimos anos do século passado. Destinavam-se, também, a realizar o conagraçamento entre brasileiros que migravam para São Paulo, pela demanda do café, e os estrangeiros. Por exemplo: a colônia de Piaguí, em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, em 1893 abrigava 608 colonos. Entre eles 53 ou 8,7 % eram brasileiros. Os restantes dividiam-se em:

214 italianos (25,20 %)
149 espanhóis (24,5 %)
115 austríacos (18,90 %)
77 outros (12,7 %) ¹¹.

Em 1895, porém, o Secretário da Agricultura do Governo do Estado de São Paulo queixava-se a respeito da necessidade de se reformular todo o sistema de núcleos, pois eles não vinham se desenvolvendo na medida esperada. Em realidade, muitos dos colonos estrangeiros não queriam se tornar proprietários aqui. Sua única preocupação era trabalhar a fim de obter o dinheiro bastante, para empregá-lo em sua terra natal ¹². E nos primeiros anos do atual século, começam

11. Dados citados por Sálvio DE ALMEIDA AZEVEDO: *Op. cit.*

12. *Idem.*

a se acentuar as saídas em massa. O destino, quando não o retorno, era a Argentina. Foram constantes os casos em que o imigrante, sobretudo italianos e espanhóis, tendo vindo subvencionados pelo Governo brasileiro, acabavam por ir se fisar em Montevideó ou Buenos Aires. Autores afirmam que o Prata era, na verdade, seu objetivo, mesmo antes da sua saída da Europa.

A atitude oficial do Brasil diante do problema foi a de maior apoio do Estado, maiores subvenções, melhores contratos. Eram estudados melhores métodos para fixação definitiva do imigrante. Voltava-se ao sistema de chamada dos imigrantes pelo próprio fazendeiro, correndo, porém, os gastos, por conta do Estado (Resoluções de 1904). Foi tentado o arrendamento, como transição entre o trabalho à serviço de outrem e a propriedade da terra.

«O movimento migratório continuava condicionado ao café. A imigração espontânea mantém-se estacionária. As correntes subvencionadas crescem e diminuem, de acordo com as verbas decretadas pelo Estado. Os espanhóis passam a chefiar as entradas, consequência da proibição do aliciamento do braço italiano¹³. A Argentina era, ainda, a atração dos colonos que aqui aportavam e sentiam a incerteza da lavoura cafeeira. As companhias de navegação e outras forças ocultas exploravam habilmente a situação delicada que atravessávamos. Os centros industriais não apresentavam capacidade de absorção. Sofria o café outra campanha de difamação ao regime de trabalho»¹⁴.

Continuavam as baixas. Mesmo com a volta dos italianos, agora só chegados espontaneamente, a lavoura ainda tinha deficits de braços. E por esta razão inicia-se, em 1908, a imigração japonesa.

Sanados, de um lado, os desentendimentos iniciais entre o Estado e a Companhia Imperial de Emigração de Tóquio e, de outro, problemas de inadaptação que, no princípio, castigaram a imigração oriental, a sua vinda entrou num ritmo normal e crescente — embora nunca na proporção das imigrações mediterrâneas — até a década de 30, embora o governo paulista passe, em 1922, a não mais subvencionar as passagens¹⁵.

* * *

13. "Em 1890, o Governo italiano impedia o franco embarque de seus súditos para o Brasil, diminuindo, momentaneamente, a vinda de emigrantes, e acarretando a demora do cumprimento do contrato feito pela Sociedade Promotora de Imigração, por meio do qual havia-se comprometido a introduzir um determinado número de imigrantes" (Lucy MAFFEI HUTTER: *Op. cit.*, p. 141).

14. *Idem*, p. 120.

15. Assim se justificava o Secretário Geral da Agricultura em 1924, *apud* Arlinda NOGUEIRA: *Op. cit.*, p. 209: "A imigração japonesa subvencionada foi mantida pelo governo durante alguns anos, tendo sido adotada em caráter temporário, para suprir a deficiência européia".

São as *Listas de Bordo* e os *Livros de Matrículas* de imigrantes existentes no Arquivo da Hospedaria dos Imigrantes, do Departamento da Imigração e Colonização de São Paulo, a par da legislação, dos censos demográficos e da escassa bibliografia —em geral mais preocupada com a imigração italiana e japonesa— que permitem o levantamento de toda a sistemática da chegada e encaminhamento dos estrangeiros vindos para a lavoura paulista e, posteriormente, para as atividades ligadas ao setor secundário e terciário da economia brasileira.

Foi o Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890¹⁶, que regulamentou a vinda de imigrantes. Permitia-se a entrada de pessoas que estivessem aptas para o trabalho, excetuando-se os condenados ou procurados pela polícia de seus países. Os nativos da Ásia e da África só entrariam no Brasil mediante autorização expressa do Congresso. O Governo Federal subvencionaria a passagem de lavradores com suas famílias; homens solteiros desde que trabalhadores agrícolas, entre 18 e 50 anos; de operários industriais, artesanais e empregados para o serviço doméstico.

A partir de 1885 os imigrantes deveriam, obrigatoriamente, passar pela Hospedaria dos Imigrantes, para registro e estágio, de 8 dias, até o encaminhamento ao local a que se destinavam. Aí recebiam auxílio após 60 dias de entrada, mediante a apresentação de seu passaporte e de guia rubricada pelo fiscal da imigração¹⁷. A este auxílio, considerando-se o período anterior à vinda dos nipônicos, só tinham direito os que vinham da Europa e das Ilhas dos Açores e das Canárias. Se se tratasse, entretanto, de pessoas já subsidiadas pelas Sociedades Promotoras da imigração, tais beneficiários não recebiam o referido auxílio estatal.

Muitos dos imigrantes espanhóis por livre iniciativa, ainda no século passado, e que não se dirigiam para a agricultura, permaneceram nos centros urbanos, notadamente na cidade de São Paulo. Suas especialidades eram a carpintaria, a sapataria, a alfaiataria, etc.

Problemas de saúde grassaram, muitas vezes, entre as levas dos recém-chegados. A Hospedaria tinha a sua enfermaria. Para casos mais graves foi firmado um convênio com a Santa Casa de Misericórdia para o atendimento de varíola, febre amarela, crupe e sarampo, que eram os casos mais constantes. Citamos, como amostragem, as

16. Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1890.

17. Alguns destes dados sobre a dinâmica e encaminhamento dos imigrantes foram obtidos na obra de Lucy MAFFEI HUTTER, *cit.*, sobre os italianos, mas que, por seu caráter geral, também são válidos para o imigrante espanhol na mesma época.

cifras de Relatórios da Santa Casa, de 1875-76, reproduzidos por Lucy Maffei Hutter. Em 572 enfermos, 74 eram pensionistas (pagadores), sendo 33 estrangeiros, 7 brasileiros e 34 escravos. Entre os doentes não pagantes constavam, naquele Relatório, 244 brasileiros e 254 estrangeiros, a saber: 102 portugueses, 69 italianos, 28 franceses, 17 alemães, 16 espanhóis, 8 ingleses, 5 holandeses, 5 suíços, 2 belgas, 1 norte-americano e 1 polonês.

Os imigrantes que iam para as fazendas, eram transportados por via férrea até o interior, sendo que a Hospedaria fornecia-lhes a alimentação necessária para o percurso. Os *Livros de Registros de Imigrantes* discriminam o nome da fazenda, do proprietário, da estação ferroviária e do município a que se destinava cada um dos imigrantes. Da mesma forma, quando se tratava de núcleos coloniais.

* * *

Após a crise causada pela gigantesca super-produção de 1906-1907, o café normalizou-se no mercado internacional, normalizando-se também as relações de trabalho nas fazendas. Ao mesmo tempo crescia a produção de algodão, também a exigir braços para a sua lavoura. Ademais, aperfeiçoava-se a legislação trabalhista, dando-se melhores condições de assistência a nacionais e estrangeiros.

No que concerne à industrialização, São Paulo via seu parque industrial tomar corpo. A indústria têxtil já tinha grande peso na exportação. Evidentemente, tal quadro econômico tinha seus reflexos nos movimentos migratórios.

Situações especiais nas economias da Europa mediterrânea, tanto quanto suas dificuldades no tocante aos excessos demográficos, fizeram com que grandes contingentes de emigrados desembarcassem em terras americanas. No ano de 1912, São Paulo recebeu 101.947 imigrantes e, no ano seguinte, 119.757. A predominância foi de portugueses (66.147 pessoas), mas também houve grande quantidade de espanhóis (55.743), seguidos por italianos (47.543)¹⁸.

Neste tempo, às vésperas da Primeira Grande Guerra, surgiram dificuldades no que concerne ao consumo mundial de café. Por outro lado, crescia o parque industrial paulista, com o impulso dado pelas condições da guerra na Europa: o declínio da concorrência estrangeira elevava os índices da indústria têxtil de São Paulo.

Mas, no tocante a imigração, os altos índices de 1912-1913 começaram a declinar. De 14.017 em 1914, para 3.604 em 1915, 1.524 em 1916, 526 em 1917 e 361 em 1918, reagindo para 5.888 e 10.563 no

18. Levantamentos de Sálvio DE ALMEIDA AZEVEDO, *cit.*

biênio 1919-1920, com 121.668 no total do decênio de 1911-1920, para novamente decrescer a níveis muito reduzidos¹⁹.

Acresce às dificuldades do mercado internacional (um mundo em guerra, sem preocupações de consumo de um produto de «sobremesa», qual seja o café), as dificuldades de tráfego marítimo; foram anos adversos também quanto às condições meteorológicas, prejudiciais à lavoura. Anos de grandes perdas para o café, causadas por geadas. A verdade é que os núcleos coloniais apresentavam maior produtividade em suas culturas diversificadas (milho, arroz, etc.) e muitos dos imigrantes passavam agora a estabelecer-se nas cidades como artífices, vendedores ou realizando pequenos serviços. A cidade de São Paulo, após a década de 1920, já possuía bairros onde algumas etnias tinham viva preponderância: italianos, espanhóis, portugueses, alemães...

O fim da guerra, porém, traz novos e auspiciosos momentos para o café e para a indústria paulista, segue-lhes a via ascensória a imigração, agora enriquecida pelo contingente eslavo. Com a Paz de Versalhes, as questões atinentes às minorias raciais, agora sob os novos domínios políticos, fazem com que russos, poloneses, lituanos e iugoslavos superem o Atlântico, em busca de trabalho na lavoura paulista. Isto também porque o café voltava a clamar por braços para sua crescente produção. Núcleos coloniais passam a ser reorganizados, ao lado da criação de novos. Muitos deles já dispensando a tutela do Estado, viviam em regime cooperativo imigrantes e nacionais proprietários de seus lotes de terra.

Ao momento em que, na economia mundial, dá-se o «crack» da Bolsa de Nova York (outubro de 1929), entra em derrocada a cotação do café no mercado internacional. O movimento migratório para São Paulo, como em toda a história da Brasil, acompanha as baixas do café. Lavoura e indústria reduzem horas de trabalho e número de trabalhadores. A política em convulsão aporta na Revolução de 1930, que traz para o poder federal Getúlio Vargas. O país passa por dificuldades de toda ordem. Entre elas, o grave problemas das migrações internas.

Populações do Norte e Nordeste do país, sobretudo, em busca de solução para seus problemas demográficos e econômicos, demandavam as regiões mais ricas do Sul, em geral, e de São Paulo, em particular. A política governamental era de valorizar a sua integração na

19. P. PEREIRA DOS REIS: *Algumas considerações sobre a imigração no Brasil*, "Sociologia", São Paulo, 23 (1): 1961, p. 78.

lavoura paulista, ao mesmo tempo em que tornava mais complexa a legislação a respeito de imigrantes estrangeiros.

A Constituição de 1934 procurava selecionar o imigrante segundo «as necessidades étnicas do país». Era estabelecida a obrigatoriedade de proporcionalidade de entradas, de acordo com as etnias vindas nos últimos 50 anos. Assim, os elementos mediterrâneos pioneiros nas levas imigratórias, foram os mais beneficiados; mesmo assim, tiveram suas entradas controladas e diminuídas. Dessa forma, italianos, espanhóis e portugueses totalizaram, em 1936, 62.028 imigrantes.

A Segunda Guerra Mundial viria a provocar uma nova solução de continuidade.

* * *

O grande desenvolvimento industrial de São Paulo se acelerou após a Segunda Grande Guerra. Tal foi responsável pela aglomeração de enormes massas humanas nos centros urbanos, notadamente na Cidade de São Paulo e municípios adjacentes.

As novas ondas imigratórias —embora em não tão grande número como nos momentos já assinalados— começam a chegar a São Paulo. Seu destino é, agora, a indústria. Operários especializados ou não encontram logo colocação satisfatória.

Não cessa a vinda para a agricultura, mas agora sob feição totalmente nova. Tenha-se como exemplo a bem sucedida iniciativa de uma Colônia italiana no interior do Estado de São Paulo, em plena década de 1950²⁰.

O fato é que os «fatores gerados pela Segunda Guerra Mundial estimularam e enriqueceram o clássico mecanismo de expulsão de excedentes populacionais, levando a emigração a mais uma etapa de institucionalização. O fluxo migratório é revitalizado dentro dos planos mais racionais, que se apoiam em órgãos burocráticos reaparelhados ou montados especialmente para este empreendimento. Por exemplo, o CIME (Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias) que surgiu em Bruxelas em fins de 1951»²¹.

Muitos dos imigrantes vindos para a indústria e para a lavoura de São Paulo, na década de 1950, tem, de alguma forma, ligação de parentesco ou de conterraneidade com os das levas mais remotas. Sem que representem as cifras fabulosas dos fins do século XIX e começos do XX —já que em maior número, hoje, os mediterrâneos

20. Ver João Baptista BORGES PEREIRA, *cit.* Trata-se de Pedrinhas, colônia organizada pela Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, fundada no Rio de Janeiro, em setembro de 1950.

21. *Ibidem*, p. 16.

migrantes buscam o norte da Europa— não deixam eles de representar uma linha de continuidade em relação à antiga imigração, como não deixam de representar papel de importância na evolução étnica, econômica e social do Brasil de hoje.

* * *

Das reflexões teóricas e genéricas que nos foi possível colocar neste trabalho, que nada mais é que a apresentação prévia de um estudo específico da imigração espanhola para São Paulo, aportamos numa pequena mostragem, para o ano de 1950, da chegada a São Paulo de imigrantes originários das Ilhas Canárias.

Bem sabemos o importantíssimo peso que teve, na emigração espanhola de fins do século XIX, a gente canária. Jorge Nadal expõe claramente quão elevado foi o índice emigratório de Canárias durante o biênio 1885-1886, superando todas as demais províncias espanholas²². Entretanto —e tal análise faz parte de nossas conjecturas futuras— tal massa canarina não terá se dirigido ao Brasil. Nem na época estudada por Nadal, nem em épocas posteriores, os ilhéus pesaram na massa espanhola que demandou trabalho na antiga colônia portuguesa.

Condicionantes locais —geográficos, econômicos, políticos e sociais— que provocaram a dispersão hispânica, assim como as características da áreas de recepção no Brasil, serão por nós arrolados, medidos e inter-relacionados, para futuras conclusões. Que a feição de amostragem que este trabalho tomou por força das circunstâncias entre elas o fator tempo e as dificuldades de localização de fontes primárias não invalidem como ponto de partida e como ponto de referência para críticas e sugestões vindas da comunidade científica ora reunida neste Colóquio.

APÊNDICE

Transcreve-se, a seguir, quadro especificando o número de imigrantes entrados no Estado de São Paulo, procedentes do exterior, por via marítima, no período de 1850 a 1951. Tomou-se 1850 por data inicial, como já ficou dito, visto tratar-se do ano em que cessou o tráfico de escravos negros entre África e Brasil; por outro lado, elegemos 1951 como a data final das apurações estatísticas, em vista da criação do CIME nesse ano, órgão incumbido de estabelecer uma nova política imigratória mundial.

O referido quadro possui uma dupla característica: deu-se-lhe, de um lado, uma periodicidade quinquenal, com exceção do último período, que é

22. Jorge NADAL: *La población española. Siglo XVI a XX*. Barcelona, Ariel, 1966, pp. 162-63.

de apenas dois anos; individualizou-se, por outro lado, nas apurações, as etnias que, pela sua importância no processo imigratório, são responsáveis pelos maiores contingentes de brasileiros descendentes de estrangeiros. Tais são os espanhóis, portugueses, italianos e japoneses.

IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO,
PROCEDENTES DO EXTERIOR

Período de 1850 a 1951

Anos*	NACIONALIDADES					TOTAIS
	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portugueses	Outras nacionalidades	
1850/1854	—	—	—	1.113	1.188	2.301
1855/1859	37	—	—	1.494	2.478	4.009
1860/1864	—	—	—	—	521	521
1865/1869	—	—	—	146	1.014	1.160
1870/1874	—	5	—	244	1.026	1.275
1875/1879	300	3.406	—	1.416	4.933	10.055
1880/1884	695	7.287	—	4.127	3.732	15.841
1885/1889	4.843	137.367	—	18.486	6.968	167.664
1890/1894	42.316	210.910	—	30.752	35.754	319.732
1895/1899	44.678	219.333	—	28.259	122.983	415.253
1900/1904	18.842	111.039	—	18.530	22.884	171.295
1905/1909	69.682	63.595	825	38.567	23.870	196.539
1910/1914	108.154	88.692	14.465	111.491	40.096	362.898
1915/1919	27.172	17.142	12.649	21.191	5.530	83.684
1920/1924	36.502	45.306	6.591	48.200	60.713	197.312
1925/1929	27.312	29.472	50.573	65.166	117.418	289.941
1930/1934	4.876	6.946	76.525	17.015	23.635	128.997
1935/1939	1.708	5.483	25.141	19.269	17.524	69.125
1940/1944	181	307	2.945	6.671	2.660	12.764
1945/1949	1.129	9.198	1	11.443	8.190	29.961
1950/1951	7.194	12.366	45	19.950	13.519	53.074
TOTAIS...	395.621	967.854	189.760	463.530	516.636	2.533.401

Projeta-se, a seguir, o quadro com o número de imigrantes de diversas etnias, entrados no Estado de São Paulo, pelo porto de Santos, no período de 1908 a 1939.

Destaca-se em tal quadro informações sobre o total de imigrantes, integrando famílias ou vindo avulsos, e dados sobre idade, sexo, religião, estado civil e instrução.

* Dá-se uma periodicidade quinquenal, com exceção do último período, que é de apenas dois anos.

IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO E SAÍDA DO PORTO DE SANTOS

Anos de 1908 a 1939

NACIONALIDADES	Totais	Número de famílias	Avulsos	IDADES		SEXO		RELIGIÃO		ESTADO CIVIL			INSTRUÇÃO	
				+ de 12	De 7 a 12	mas	Feminino	Católicos	Acatólicos	Casados	Solteiros	Viúvos	Anal-fabetos	Alfabe-tizados
Argentinos	4.778	662	2.537	3.971	246	13	1.675	4.622	156	1.781	2.887	110	725	4.053
Alemães	46.202	7.185	20.649	38.785	3.005	18	16.694	13.988	32.214	19.118	26.137	947	5.975	40.227
Espanhóis	209.736	34.028	38.665	143.743	24.470	77	85.159	209.651	85	77.765	126.358	5.613	150.815	58.921
Italianos	205.761	28.844	87.549	161.239	16.801	33	72.738	205.669	92	86.042	113.593	6.126	83.138	122.623
Poloneses	16.734	2.668	6.988	13.188	1.330	17	6.537	6.184	10.550	6.764	9.699	271	3.810	12.924
Portugueses	287.614	37.203	151.732	233.014	20.386	77	92.937	287.527	87	123.817	157.826	6.471	162.687	124.927
Japoneses	185.991	33.012	9.881	130.155	19.939	33	81.658	2.834	183.157	78.690	104.187	3.114	50.555	135.436
Libaneses	3.421	601	1.415	2.717	272	14	1.277	2.209	1.212	1.265	2.030	126	1.007	2.414
TOTAIS.....	960.237	144.203	319.416	726.812	86.449	52	358.675	732.684	227.553	395.242	542.717	22.778	458.712	501.525

Junta-se, em sequência, a série de quadros, ano a ano, do número de imigrantes entrados no Estado de São Paulo, pelo porto de Santos, entre os anos de 1936 e 1951.

Retroagimos a 1936, por ser tratar do ano em que foi possível apurar, através da pesquisa a que se procedeu nos Arquivos da Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, a vinda dos primeiros canarinos a este Estado.

Aos quatro principais grupos étnicos a que já nos referimos no quadro de p. 000, vale dizer, espanhóis, portugueses, italianos e japoneses, acrescentamos, igualmente pela importância que desempenharam na elaboração do mosaico imigratório do Brasil, as correntes germânica, hispano-americana, árabe e eslava, representadas, respectivamente, por alemães, argentinos, libaneses e poloneses.

Acrescenta-se, a seguir, uma consolidação dos quadros relacionados de p. 000 a 000.

IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO,
PELO PORTO DE SANTOS

Ano 1936		Ano 1937	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	422	Espanhóis	153
Alemães	1.434	Alemães	658
Argentinos	422	Argentinos	544
Italianos	1.087	Italianos	1.013
Japoneses	5.632	Japoneses	4.487
Libaneses	217	Libaneses	173
Poloneses	938	Poloneses	864
Portugueses	2.619	Portugueses	2.011
Outras nacionalidades...	1.190	Outras nacionalidades...	2.437
TOTAL.....	13.961	TOTAL.....	12.340

Ano 1938		Ano 1939	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	70	Espanhóis	78
Alemães	276	Alemães	490
Argentinos	270	Argentinos	242
Italianos	891	Italianos	725
Japoneses	2.524	Japoneses	1.504
Libaneses	101	Libaneses	104
Poloneses	50	Poloneses	413
Portugueses	2.897	Portugueses	6.989
Outras nacionalidades...	1.443	Outras nacionalidades...	1.635
TOTAL.....	8.522	TOTAL.....	12.180

IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO,
PELO PORTO DE SANTOS

Ano 1940		Ano 1941	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	126	Espanhóis	45
Alemães	570	Alemães	139
Argentinos	106	Argentinos	113
Italianos	270	Italianos	34
Japoneses	1.300	Japoneses	1.645
Libaneses	11	Libaneses	3
Poloneses	141	Poloneses	50
Portugueses	5.056	Portugueses	1.277
Outras nacionalidades...	894	Outras nacionalidades...	529
TOTAL.....	8.474	TOTAL.....	3.835

Ano 1942		Ano 1943	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	6	Espanhóis	1
Alemães	5	Alemães	—
Argentinos	36	Argentinos	—
Italianos	3	Italianos	—
Japoneses	—	Japoneses	—
Libaneses	—	Libaneses	—
Poloneses	1	Poloneses	—
Portugueses	232	Portugueses	41
Outras nacionalidades...	51	Outras nacionalidades...	3
TOTAL.....	334	TOTAL.....	45

Ano 1944		Ano 1945	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	3	Espanhóis	14
Alemães	—	Alemães	3
Argentinos	2	Argentinos	6
Italianos	—	Italianos	—
Japoneses	—	Japoneses	—
Libaneses	—	Libaneses	—
Poloneses	—	Poloneses	1
Portugueses	65	Portugueses	371
Outras nacionalidades...	6	Outras nacionalidades...	78
TOTAL.....	76	TOTAL.....	473

IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO,
PELO PORTO DE SANTOS

Ano 1946		Ano 1947	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	51	Espanhóis	176
Alemães	26	Alemães	38
Argentinos	17	Argentinos	71
Italianos	142	Italianos	1.611
Japoneses	—	Japoneses	—
Libaneses	25	Libaneses	202
Poloneses	159	Poloneses	90
Portugueses	1.917	Portugueses	2.805
Outras nacionalidades...	673	Outras nacionalidades...	1.142
TOTAL.....	3.010	TOTAL.....	6.135

Ano 1948		Ano 1949	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	226	Espanhóis	662
Alemães	92	Alemães	255
Argentinos	79	Argentinos	127
Italianos	2.686	Italianos	4.759
Japoneses	—	Japoneses	1
Libaneses	504	Libaneses	416
Poloneses	74	Poloneses	110
Portugueses	2.152	Portugueses	4.198
Outras nacionalidades...	1.605	Outras nacionalidades...	2.397
TOTAL.....	7.418	TOTAL.....	12.925

Ano 1950		Ano 1951	
Nacionalidades	Número	Nacionalidades	Número
Espanhóis	1.870	Espanhóis	5.324
Alemães	815	Alemães	1.696
Argentinos	134	Argentinos	193
Italianos	5.560	Italianos	6.806
Japoneses	10	Japoneses	35
Libaneses	595	Libaneses	1.499
Poloneses	111	Poloneses	119
Portugueses	7.443	Portugueses	12.507
Outras nacionalidades...	3.186	Outras nacionalidades...	5.171
TOTAL.....	19.724	TOTAL.....	33.350

IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO, PROCEDENTES DO EXTERIOR

Anos 1936 a 1951

NACIONALIDADES										
Anos	Espanhóis	Alemães	Argentinos	Italianos	Japoneses	Libaneses	Poloneses	Portugueses	Outras nacionalidades	TOTAIS
1936	422	1.434	422	1.087	5.632	217	938	2.619	1.190	13.961
1937	153	658	544	1.013	4.487	173	864	2.011	2.437	12.340
1938	70	276	270	891	2.524	101	50	2.897	1.443	8.522
1939	78	490	242	725	1.504	104	413	6.989	1.635	12.180
1940	126	570	106	270	1.300	11	141	5.056	894	8.474
1941	45	139	113	34	1.645	3	50	1.277	529	3.835
1942	6	5	36	3	—	—	1	232	51	334
1943	1	—	—	—	—	—	—	41	3	45
1944	3	—	2	—	—	—	—	65	6	76
1945	14	3	6	—	—	—	1	371	78	473
1946	51	26	17	142	—	25	159	1.917	673	3.010
1947	176	38	71	1.611	—	202	90	2.805	1.142	6.135
1948	226	92	79	2.686	—	504	74	2.152	1.605	7.418
1949	662	255	127	4.759	1	416	110	4.198	2.397	12.925
1950	1.870	815	134	5.560	10	595	111	7.443	3.186	19.724
1951	5.324	1.696	193	6.806	35	1.499	119	12.507	5.171	33.350
TOTAIS...	9.227	6.497	2.362	25.587	17.138	3.850	3.121	52.580	22.440	142.802

Projeta-se, a seguir, o quadro da procedência dos imigrantes entrados no Estado de São Paulo, pelo porto de Santos, nos anos de 1936 e 1939 a 1951, com destaque àqueles embarcados nas Canárias.

Assim, pela primeira vez e concretamente, são relacionados, em números, os imigrantes procedentes do arquipélago canarino.

Em tal quadro amplia-se a relação dos países e das áreas dos quais procedem as massas imigratórias, com destino a esta parte das Américas.

PROCEDENCIA DOS IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO, PELO PORTO DE SANTOS,
COM DESTAQUE AOS PROCEDENTES DAS CANARIAS

Anos 1936 e 1939 a 1951

Procedência	A N O S													
	1936	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951
Espanha	202	28	106	76	5	1	3	17	44	127	144	491	1.624	5.169
Canárias	9	5	13	—	—	—	—	—	1	—	10	13	17	15
Alemanha	1.549	271	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	6	1.853
Austria	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.665
França	416	354	64	—	—	—	—	1	342	475	931	1.013	1.797	700
Inglaterra	245	182	113	3	—	2	1	8	183	124	305	314	430	389
Itália	1.355	1.310	716	—	—	—	—	—	141	1.912	3.003	5.253	6.367	6.760
Polônia	215	227	—	—	—	—	—	—	—	—	2	10	7	4
Portugal	2.625	5.232	3.243	1.078	190	41	65	330	1.706	2.336	1.752	3.182	5.862	10.660
Outros países europeus...	336	227	148	7	2	—	—	16	126	140	161	553	737	879
Japão	5.421	1.555	1.300	1.645	—	—	—	—	—	—	—	1	7	32
Líbano	—	—	9	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.499
Outros países asiáticos ...	2	—	14	39	—	—	—	—	—	—	10	24	11	299
Madeira	190	2.090	1.948	340	44	—	—	42	182	471	407	1.030	1.574	1.747
Outros países africanos...	8	35	24	—	—	—	—	1	7	2	17	18	14	41
Argentina	1.110	590	338	356	65	—	4	21	67	265	283	444	626	971
Estados Unidos	—	—	384	248	26	—	1	34	174	266	379	484	577	585
Uruguai	275	71	54	30	—	—	—	—	2	10	14	82	62	74
Outros países americanos.	3	3	—	13	2	1	2	3	35	7	—	12	6	8
TOTAL.....	13.961	12.180	8.474	3.835	334	45	76	473	3.010	6.135	7.418	12.925	19.724	33.350

Mostra-se, em sequência, o quadro que traz o número de imigrantes espanhóis entrados no Estado de São Paulo, pelo porto de Santos.

Compara-se, a este total, o número daqueles procedentes dos vários portos da Espanha (continente) e daqueles embarcados nas Canárias, nos anos de 1936, 1939, 1940, 1946, 1948, 1949, 1950 e 1951, quando ocorrem embarques efetivos de canarinos em Las Palmas e Tenerife.

Cumpra esclarecer, finalmente, que se estabelece uma comparação, igualmente, entre o número de imigrantes procedentes da Espanha e das Canárias.

A relação se estabelece, sempre, em termos percentuais.

IMIGRANTES ESPANHOIS ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO,
PELO PORTO DE SANTOS. QUADRO COMPARATIVO ENTRE O TOTAL
DE IMIGRANTES, OS PROCEDENTES DE ESPANHA
E OS PROCEDENTES DAS CANARIAS

Anos de 1936, 1939, 1940, 1946 e 1948 a 1951

Anos	TOTAL	PROCEDENCIA					
	de imigrantes espanhóis	ESPANHA			CANARIAS		
		Número	Número	% em relação ao total	Número	% em relação ao total	% em relação aos procedentes de Espanha
1936	422	202	47,9	9	2,1	4,5	
1939	78	28	35,9	5	6,4	17,9	
1940	126	106	84,1	13	10,3	12,3	
1946	51	44	86,3	1	2,0	2,3	
1948	226	144	63,7	10	4,4	6,9	
1949	662	491	74,2	13	2,0	2,6	
1950	1.870	1.624	86,8	17	0,9	1,0	
1951	5.324	5.169	97,1	15	0,3	0,3	
TOTAL	8.759	7.808	89,1	83	1,0	1,1	

Dá-se a seguir, à guisa de amostragem, a relação completa de imigrantes procedentes das Canárias, com destino a São Paulo, de todo um ano. Elegeu-se o de 1950, para tal fim.

Concretamente, singular e significativo é o quadro. A diversidade caracteriza o grupo de imigrantes quanto às profissões e à faixa etária. Em relação à etnia, cumpre uma análise mais detida. Há, sim, o grupo de transjordanianos. Certamente não são canarinos, como dois deles não são cristãos. Mas, muito provavelmente, estavam fixados nas Canárias. Para além da informação de que residiam em Las Palmas, devidamente registrada pelo funcionário brasileiro do setor de imigração, resta a eloquente evidência observada no grupo chegado a Santos no penúltimo dia do ano de 1950, pelo navio Sises: certamente Ramon e Ernando não são nomes árabes ou muçulmanos. Acresce, ainda, em relação a este mesmo grupo, o fato de professarem a fé católica. Assim o declararam. Ora, tais evidências levam-nos a concluir, que os membros dos grupos de transjordanianos, ainda que não nascidos nas Canárias —os adultos, ao menos— deveriam ali estar radicados.

IMIGRANTES EMBARCADOS NAS CA

DESTINO AO ESTADO DE SÃO PAULO

N.º DE ORDEM	NOME	NAVIO	BANDEIRA	DATA DE CHEGADA A SANTOS	SEXO	ID. (AN)	ETNIA	PROFISSÃO	RELAÇÃO DE PARENTESCO	RELIGIÃO	ALFABETIZADO	RESIDENCIA	PORTO DE EMBARQUE	DESTINO	
01	Filiberta Fregel Rodriguez	Highland	Chieftain	inglesa	04/01/1950	Fem.	2	la	doméstica	mãe	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
02	Pedro Rodriguez	Highland	Chieftain	inglesa	04/01/1950	Masc.		l		filho			Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
03	Carmelo Rodriguez	Highland	Chieftain	inglesa	04/01/1950	Masc.		l		filho			Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
04	Maria Candelária Socas Pelayo.	Andrea C		italiana	23/05/1950	Fem.	2	la	sem profissão	só	católica	sim	Santa Cruz		
05	Maria Socorro Antonia Fran- quis Farina	Auriga		italiana	01/09/1950	Fem.	4	la	doméstica	mãe	católica	sim	Santa Cruz	de Tenerife	Las Palmas Santos
06	Maria Romualda del Carmen..	Auriga		italiana	01/09/1950	Fem.	1	la	estudante	filha	católica	sim	Santa Cruz	de Tenerife	Tenerife São Paulo
07	Maximo Cabrera Espinosa	Andrea C		italiana	14/09/1950	Masc.	6	l	lavrador	irmão	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
08	Dolores Cabrera Espinosa	Andrea C		italiana	14/09/1950	Fem.	6	la	doméstica	irmã	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
09	Muhammad Ali M. Kanan	Sises		italiana	19/10/1950	Masc.	4	daniano	agricultor	só	muçulmano	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
10	Yusuf J. Jaber	Sises		italiana	19/10/1950	Masc.	5	daniano	agricultor	só	muçulmano	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
11	Engracia Pombo Ferreiro	Loide América		brasileira	28/10/1950	Fem.	5	la	sem profissão	só	católica	sim	Las Palmas	Tenerife	São Paulo
12	Felix Rodriguez Fleitas	Highland	Chieftain	inglesa	10/12/1950	Masc.	6	l	pedreiro	só	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
13	Jose Garcia Avila	Highland	Chieftain	inglesa	10/12/1950	Masc.	5	l	jardineiro	só	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
14	Jabra Suleiman Janineh	Sises		italiana	30/12/1950	Masc.	5	daniano	lavrador	pai	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
15	Sayda Khano	Sises		italiana	30/12/1950	Fem.	5	daniana	doméstica	mãe	católica	sim	Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
16	Ramon Janineh	Sises		italiana	30/12/1950	Masc.				filho			Las Palmas	Las Palmas	São Paulo
17	Ermendo Janineh	Sises		italiana	30/12/1950	Masc.				filho			Las Palmas	Las Palmas	São Paulo

BIBLIOGRAFIA

Além da bibliografia citada nas notas foram consultadas as seguintes obras:

- COSTA, Emilia Viotti: *O escravo na grande lavoura*. In: HOLANDA, Sergio Buarque de, ed.: *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, t. 2, v. 3.
- *Urbanización en el Brasil del siglo XIX*. In: SOLANO, Francisco: *Estudios sobre la ciudad iberoamericana*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1975.
- PETRONE, Maria Theresa: *Imigração assalariada*. In: HOLANDA, *idem*.
- FORACCHI, Marialice: *A valorização do trabalho na ascensão social dos imigrantes*, "Revista do Museu Paulista", São Paulo, Nova série, v. 14, 1963, pp. 311-19.
- JORDÃO NETTO, Antonio: *Barreiras no controle da mobilidades ocupacional e especial do imigrante espanhol (1960)*, "Sociologia", São Paulo, 24(2): 117-19, jun. 1962.
- SILVA, Helio Schitler: *Tendências e características do comércio exterior do Brasil no século XIX*, "Revista de História da Economia Brasileira", São Paulo, 1(1), jun. 1953.
- PEREIRA, Wladimir: *Evolução industrial do Estado de São Paulo*. São Paulo, Instituto de Pesquisas da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, 1969.

Observação: Os quadros relacionados, foram elaborados a partir de documentação constante de Boletins do Departamento de Imigração e Colonização do Estado de São Paulo, de Censos Demográficos Brasileiros, de Relatórios Administrativos do Governo do Estado de São Paulo e do acervo específico do Arquivo da Hospedaria dos Imigrantes da Secretaria da Promoção Social do Estado de São Paulo.